

O CONTINUUM NA FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE AS ESCOLHAS

Regina Maria França Castor (UNESP-UNIVESP, Litoral Sul); Ms. Jaqueline Costa Castilho Moreira (UNESP-UNIVESP, Litoral Sul; UNESP, Araraquara)

Eixo 1- Formação Inicial e Continuada de Professores para a Educação Básica

Introdução

A Formação Continuada de Professores é um processo de desenvolvimento profissional, que permite que a formação teórica torne-se permanente. A política educacional que visa este *continuum* estava posta desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692 (BRASIL, 1971), que além de estabelecer o mínimo de requisitos exigidos para o exercício do magistério, fixava as diretrizes de que a formação de professores e especialistas para o ensino básico deveria ser feita em níveis que se elevassem progressivamente. Também explicitava que, os sistemas de ensino deveriam estimular, mediante planejamento apropriado, o aperfeiçoamento e atualização constantes do magistério; incentivo associado à melhoria da remuneração do docente, em vista de sua maior qualificação, independentemente do nível de atuação destes professores.

Embora se saiba que a LDB nº 5.692 tenha sido forjada num regime autoritário e repressivo, e que ficou muito longe de ser colocada em prática; restringe-se este texto apenas a uma de suas bandeiras: a formação continuada.

Substituída pela LDB nº 9.394 (BRASIL, 1996), em vigor, apresenta algumas diferenciações. Seu artigo 63 fixou que os institutos superiores de educação deverão manter programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis, e os regulamenta através do Decreto nº 3.276 (BRASIL, 1999). Já o artigo 69 indicou que os sistemas de ensino deveriam promover a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes entre outros, aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho e condições adequadas de trabalho.

Concorda-se com a crítica de Goes (2008) que, de um lado evidencia existir nas políticas públicas, diversas medidas estratégicas que levam os professores à buscarem uma continuidade em sua formação. Em

contraposição, demonstra os vários fatores desmotivadores, como a baixa remuneração profissional; a pouca valorização pelas instituições, de seu esforço para custeio dos estudos. Colabora ainda o desconhecimento do “Estatuto da Carreira dos Educadores” (BRASIL, 2009), o fato de que em muitas destas instituições lhe é negado o “direito de dispensa” para formação de docente (BRASIL, 1992), agravados pela falta de acompanhamento dos cursos, que deveria ser feito com sistematização pelas instituições públicas, quanto à qualidade.

Essa contingência vem sendo cada vez mais exigida ao longo da carreira, embora não seja garantia de capacitação docente para o enfrentamento do complexo cotidiano pedagógico. Acrescenta Nóvoa (1999) que esta contingência gerou um “mercado da formação”, e que à medida que tenta atender aos excessos do discurso científico-educacional acaba perdendo o sentido da reflexão experiencial e da partilha de saberes profissionais.

Assim, o objetivo deste trabalho foi explicitar uma voz docente, que passou por diversos processos de formação desde suas ações individuais aos educacionais catalisados em sua história de formação, capaz de contribuir para uma composição identitária.

Metodologia

Partindo do pressuposto de que os relatos de vida de professores podem colaborar numa construção da identidade docente, Catani et al (2000) apontou ser possível, por meio de um trabalho de pesquisa e reflexão, desenvolver um processo de desconstrução das imagens estereotipadas, formadas não só a partir do decorrer de suas histórias como professores, mas num processo, que se iniciou muito antes do ingresso na graduação.

Para Souza (2004), a narrativa autobiográfica pode desvendar modelos e princípios do agir e do pensar do professor em formação, porque o ato de lembrar e narrar possibilita a reconstrução de experiências, a reflexão sobre dispositivos formativos e uma compreensão da própria prática.

Acrescentou Josso (2004), que um memorial não é apenas descritivo, por trazer consigo influências, momentos fortes de opção tomada, papel das pessoas-recurso que acompanharam as hesitações e as escolhas, atividades ou circunstâncias que obrigaram a aprendizagens, desafios assumidos e repetições. Para a autora, é preciso ainda evocar escolher experiências, que suficientemente testemunhem uma construção identitária.

Desenvolvimento

Essa investigação foi realizada no curso de Graduação em Pedagogia, realizado pela UNESP/UNIVESP. Participam dele, apenas alunos-professores em exercício nas diversas redes de ensino paulista, e que foram selecionados por vestibular.

A experiência aqui relatada é o resultado do processo de reelaboração dessas reflexões, catalisado em um memorial. Um dos deflagradores foi o artigo “A escrita de si como estratégia continuada para docentes”, de Nunes e Cunha (2005); que elencado à uma atividade de escrita, requisitava o repensar na trajetória pessoal na escolarização:

Nasci em São Vicente... Lembro-me do meu primeiro dia de aula. Minha mãe me arrumou com um avental impecavelmente branco e engomado, com uma faixa amarrada atrás. Colocou na minha cabeça um laço grande de fita e me levou de mãos dadas. A escola era uma sala de madeira, com janelas grandes e ficava na beira do mangue. Quando a maré baixava, dava para ver os caranguejos e siris andando pela areia preta. Embaixo da sala ficava o porão, onde as crianças esperavam a hora de fazer fila para entrar. Eu me sentava perto da janela e podia ver os barcos de pesca saindo e chegando. Era uma vila de pescadores, e a maioria dos alunos era dali. Até hoje existe esse lugar. Minha mãe só me levou no primeiro dia de aula. Todos os outros dias dos dois anos que fiquei lá, fui sozinha. Não tinha medo, ia e vinha com minha professora, ajudando-a a carregar a bolsa e os livros dela. Isso me enchia de orgulho e alegria. Eu era boa aluna, tinha uma letra linda, parecida com a da minha mãe, e era sempre elogiada pela Dona Maria Aparecida, minha primeira professora. Quando chegava em casa, corria para contar para ela. Quando eu estava na terceira série, minha escola mudou-se para uma casa de tijolo, na Colônia dos Pescadores Z-4. Ficava bem pertinho de minha casa. Essa escola chamava-se Grupo Escolar “Raquel de Castro Ferreira”. As salas eram amplas, com carteiras duplas de madeira com depósito de tinta. Eu escrevia com caneta de pena, como era conhecida. Recordo-me que meu peito vivia repleto de laços verde-amarelos, que os melhores alunos em assiduidade, aplicação e comportamento recebiam da professora. Eu era a ajudante da professora, Dona Irene, e passava as lições na lousa para ela.



Figura 1- Foto tirada na 3ª série com a Profª. Maria Irene Rodrigues, em 1957 (Fonte: Acervo pessoal).

Finalizado este auto-relato, muitos dos participantes do curso de Pedagogia, internamente, criticavam-no como algo sem sentido. Parafraseando Bosi (1994, p. 84), porque teria decaído a arte de trocar histórias? “Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências”. A tomada de consciência veio a seguir:

A gente não dava muito valor no que se estava fazendo. Não víamos o porquê de tudo isso. Até que assisti um dos vídeos do curso no qual uma das professoras falava da importância das lembranças que trazíamos da escola. Ela falava que na nossa profissão passaríamos por situações, pelas quais teríamos que tomar atitudes imediatas. E que iríamos buscar em nosso passado a melhor forma de agir... de tomar a atitude certa...

Expande a idéia da troca de experiências, Benjamin(*apud* BOSI, 1994) para o qual o narrador pode contar o que ele extrai da sua própria experiência, ou daquela vivência contada por outros. Relacionada à afirmação “buscar no passado a melhor forma de agir...” seguem-se uma série de lembranças, que refletem a importância destes mergulhos ao passado e das trocas narrativas entre os alunos-professores:

O que sempre me incomodou era que, naquele tempo, as professoras davam reguadas nos alunos mal comportados ou que tinham dificuldade para

aprender (que horror). Eu tinha muita pena deles. Mais tarde soube que eles não gostavam de mim porque eu era considerada “a queridinha da professora” e nunca apanhei dela. Só que eles não sabiam que se eu não fosse boa aluna e não tirasse ótimas notas, minha mãe estaria me esperando e eu sei que ia doer mais que aquelas reguadas. Quando fui para o quarto ano primário, mudei de professora e pela primeira vez senti o gosto da rejeição. Ela não gostava de mim e dos outros alunos, só de uma aluna muito loura, nórdica mesmo que tirava notas melhores que as minhas. Acho que foi a primeira vez que senti inveja de alguém. A professora tinha uma cara de “infeliz”, vivia de mau humor, nunca esboçava um sorriso e eu tinha muito medo dela. Não se envolvia com nenhuma criança, não tinha carinho por ninguém, nem pela aluna loura. Ainda me lembro das redações passadas para a classe nesse ano: “Nem tudo que reluz é ouro”, “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, e outras desse gênero. Imaginem se isso é tipo de redação para crianças de dez anos.

No desenrolar das atividades de escrita autobiográfica; Tunes, Taca e Bartholo Jr. (2005), com o texto “O professor e o ato de ensinar”, conseguem fazer um fechamento sobre a importância das trocas de vivências. Eles mencionam que essas experiências possibilitam a elaboração e reelaboração de sentidos, organização e integração das relações pessoais, capazes de proporcionar dinâmicas complexas entre o individual e o social; já que este relembrar as torna presentes e permite que seus sentidos subjetivos possam ser atualizados.

Viver e escrever sobre mim mesma é um grande desafio. Essa viagem, talvez a mais difícil que já fiz, me levou a mergulhar dentro de mim mesma, para buscar e conhecer as raízes do que sou hoje. Meus caminhos sempre foram cheios de surpresas inimagináveis. Quando eu já me sentia no entardecer da minha vida e achava que minhas oportunidades de crescimento estavam finalizadas, veio a oportunidade de cursar a faculdade de Pedagogia, sonho que parecia impossível. Sempre admirei um jornalista, já falecido, Sr. Roberto Marinho, que com 65 anos, não teve medo da vida e iniciou um império de informação e entretenimento, que é a Rede Globo. E, já no Curso, tomei contato com outra inspiração, a historiadora da UNESP, Anna Maria Martinez Corrêa, que com 77 anos resgata as origens dessa universidade, construindo um acervo histórico riquíssimo. Esses exemplos e muitos outros

vindos da convivência com meus colegas de profissão e de curso, me convenceram que o mais importante na vida é a nossa vontade de crescer interiormente. Não existem limites para a nossa vontade, e podemos nos superar todos os dias. Agora entendo melhor as circunstâncias, os outros, me entendo melhor. Sei que tenho muitos caminhos a seguir e que muito posso contribuir, em especial com as crianças que passam por mim.

Este trecho ilustra uma visão dinâmica e de afirmação de vida, realçando a consciência de que a base de qualquer papel formativo é a interação. Completam Tunes, Taca e Bartholo Jr. (2005) ao salientar o conceito da mediação pedagógica, que evoca uma situação pedagógica em que a interação entre professor-aluno, não passa em “brancas nuvens”. O que se dizer da interação feita entre professores, como é o caso deste curso? Os autores ainda apontam que, as ações sociais que ganham relevância são aquelas que permitem aos indivíduos compartilhar a complexa rede de significados, socialmente produzidos. E quanto mais significados mais relevância, como podemos saborear na delicadeza da relação aprendizagem-escola-família, das memórias seguintes:

Quando lembro dos meus primeiros passos na vida escolar, a imagem que vem à mente com muita nitidez é a de minha mãe, responsável por me iniciar na alfabetização. Depois de terminar suas tarefas domésticas, me chamava, deitávamos em sua cama e ela me apresentava às letras, eu ia conhecendo e aprendendo a ler. Não sei que método usava, não era professora, mas sei que quando fui para a escola, já sabia ler e escrever. Minha mãe confeccionava meu caderno, recortava do mesmo tamanho retangular as folhas de papel de embrulho cor-de-rosa com traçados de cores mais fortes, amarrando-as com um laço de barbante. Eram nessas folhas tão simples que fiz meus primeiros rabiscos. Essa simplicidade de minha mãe foi muito importante para entender que a vida se constrói com amor, trabalho e boa vontade. Hoje tenho consciência de que, analisando as lembranças do passado, percebo o quanto desempenharam um papel ativo na construção de minha identidade profissional. Pequenos passos, muitos tropeços, acertos e erros, cada pedacinho do caminho foi bem vivido e serviu para enriquecer minhas experiências e escolher minha profissão de professora.

O texto “O amor dos começos: por uma história das relações com a escola”, de Catani, Bueno e Souza (2000), foi baseado em relatos autobiográficos de docentes. A partir do exame dessas narrativas foram encontrados sentimentos rememorados dos primeiros tempos de escola; ansiedade, fascinação; marcas de todos os tipos deixadas pelas lições aprendidas, aquelas por aprender e mágoas não superadas; nostalgia e uma conscientização a partir da escrita reflexiva; temas recorrentes que evidenciam uma construção identitária docente. As autoras retomam Nóvoa, o qual assinala a importância de se investigar a documentação gerada pelas autobiografias, dentro da História da Educação. Neste trecho é possível contextualizar a transição para a LDB nº 5.692; perceber a mudança sentida na passagem seletiva do primário para o secundário; a priorização pelo conteudismo; reconstruir quais eram as disciplinas da grade curricular, verificar com a troca do nome “Colégio” para “Instituto”, a profunda mudança que a unidade escolar passa ao formar normalistas, entre outras análises que o reduzido espaço deste texto não permite, veja-se:

Minha descoberta do que eu queria ser foi com a idade de dez anos, quando eu estava no quarto ano primário. Fui fazer o curso de admissão para entrar na primeira série do curso ginásial com minha tia Otília, irmã caçula do meu pai, que era professora. Eu fiquei impressionada com seu jeito de ensinar e decidi que queria ser professora. Lembro-me do dia em que fui fazer o exame de admissão no “Colégio Martim Afonso”, levada pelas mãos da minha mãe. Fui aprovada em décimo segundo lugar e começou uma nova etapa em minha vida. O ginásio era longe de minha casa e era muito grande para mim, que estava acostumada a uma escola pequena. Dividindo meu tempo com a escola e com as brincadeiras, comecei a preparar outras crianças, para entrar no ginásio. A partir daí, e cada vez mais eu gostava de ensinar. Imitava minha tia, na sua paciência e carinho ao dividir seus saberes com seus alunos. Já ganhava o meu primeiro “dinheirinho”. No ginásio passei de aluna protegida a mais um número na chamada, com colegas desconhecidos e professores que entravam e saíam ao som de uma campainha e mal nos olhavam. Ainda pensava como criança, mas todo esse número de professores e a quantidade de matérias, me fizeram entender que o tempo de menina havia acabado. O lado bom eram as matérias novas para mim, Latim, Francês e Inglês me instigavam para um mundo novo e desconhecido. Meu pai falava um pouco de Inglês e lia a revista “Seleções”,

eu o achava tão inteligente! Havia uma figura muito importante para o andamento do ginásio, que era o inspetor de alunos, muito valorizado na época. Mas era o terror dos estudantes; eu tinha muito medo dele, parecia um general, alto e com passos duros. Quem mais me marcou foi a professora Sara Capellari, de Português. Descobri com ela, que tinha facilidade para escrever. Ela tinha uma característica: ao entregar as provas, começava pelas notas mais baixas e eu era sempre a última a receber pelo meu bom desempenho. A escola tinha um jornalzinho e as minhas redações eram sempre editadas. A Professora Sara era uma figura interessante, muito severa, e quando nos olhava por cima de seus óculos, todos tremiam. Seu marido era professor de Matemática. Essa matéria era o meu terror! A professora de Geografia era muito chata e não fazia nada para nos motivarmos pela matéria. O professor de Música me deu as primeiras noções de clave, notas musicais que me ajudaram nos estudos de piano que fiz. A professora de Artes passou o ginásio todo tentando me fazer bordar um jogo de lençol de bebê, mas nunca conseguiu. Passei a gostar do meu tempo de ginásio e me adaptei com facilidade. A Professora Wanda da Educação Física era muito concentrada e objetiva no que fazia. Ensinava-nos a fazer aula pelo método de Maria Montessori; que só fui descobrir que existia, quando estudei os educadores no curso Normal. O que mais gostava eram os desfiles escolares. Ela nos preparava muito bem e atravessávamos o centro da cidade e a principal avenida, marchando e fazendo evoluções com nossas luvas brancas sob os aplausos esfuziantes de nossos pais. Eu vibrava quando as filas começavam pelo menor, porque eu era a mais baixinha da turma; só ficava triste por não ter tamanho para ser porta-bandeira. Mas veio a ditadura e os militares acabaram com tudo isso e principalmente com a alegria dos nossos pais. Enfim, consegui vencer essa etapa e chegou a hora de traçar o meu futuro. Terminado o curso ginasial, eu tinha três opções: normal, clássico e científico. Os dois últimos eram uma preparação para o curso superior, e eu sabia que meus pais não tinham condições para me manter numa faculdade. O curso normal me daria a oportunidade de sair com o diploma e uma profissão que já me colocaria no mercado de trabalho. E foi só unir o útil ao agradável, gostava muito de ensinar e já dava aula em casa desde os onze anos. A minha formação como professora foi baseada na educação tradicionalista, o único método que era usado na época. Depois, com o tempo, fui fazendo muitos cursos e agregando esses conhecimentos aos meus. No magistério deixamos de ser tratadas como crianças para

sermos respeitadas como adultas. É interessante essa mudança de comportamento. Meus professores eram excelentes, tinham vivência e conhecimento. Todo o meu grupo cresceu muito com eles, com sua didática. Encantei-me com a professora de Sociologia, disciplina nova para mim, que me mostrava um mundo novo, a sociedade, e eu acostumada a um mundinho tão pequeno, fiquei maravilhada. A professora de Psicologia, uma senhora muito simpática, nos ensinou a pesquisar em livros específicos. Li muito sobre casos em que a Psicologia ajudou a entender e resolver problemas educacionais. O professor de Geografia nos levava a viajar pelo mundo com sua matéria. Em Prática de Ensino dei minhas primeiras aulas: eu ficava tão nervosa que tive várias e fortíssimas dores de cabeça. Tínhamos que enfrentar a sala de aula do colégio desde o segundo ano normal. O colégio passou a se chamar na década de 1970 de “Instituto Estadual de Educação Martim Afonso” e havia quatro salas do curso primário especialmente para nós, alunas do Normal. Meus professores de magistério me ensinaram a observar individualmente cada criança, suas características, facilidades e dificuldades. Essa observação foi o “método” mais usado por mim, o que me trouxe muitas conquistas no meu trabalho. De repente, me vi com um diploma na mão, e com uma profissão: professora. As manhãs na sala de aula, os estágios, as brincadeiras no pátio, as fofquinhas, as risadas sem motivo, tudo se acabou. Comecei, então, a lecionar na mesma escola que estudei: Grupo Escolar “Raquel de Castro Ferreira”, em uma primeira série. É muito diferente enfrentar uma sala de aula para alfabetizar, passar de aluna à professora. Mas ensinar estava no meu sangue, e logo já tinha superado minhas dificuldades. Fui alfabetizada pela cartilha “Caminho Suave” e foi a cartilha que adotei para trabalhar. Nesta escola lecionei muito tempo, até me casar e ir morar em São Paulo. Em 1969 fiz concurso para o Estado e fui aprovada. Também fiz concurso para trabalhar no Sesi em alfabetização de adultos. Foi muito gratificante ensinar os mais velhos. Eles têm um respeito pelos professores que é comovente. Nessa idade, quando procuram a escola, eles estão ávidos por aprender e não perdem tempo com brincadeirinhas, nem são faltosos. Como professora, fui muito atuante na luta por melhores salários e condições de trabalho. Toda vez que precisava, ia para São Paulo, participava de greves, passeatas e assembléias, mesmo com a ameaça de cavalos, água, cachorros e polícia. Infelizmente, o tempo passa, as reivindicações são as mesmas e os governantes continuam se fazendo de surdos e cegos quando se trata de educação. Em 1998 me aposentei no

Estado e pensei que tinha encerrado minha carreira de professora. Mas eu não me sentia feliz e quando apareceu a oportunidade de fazer um concurso para professora de creche, em outra cidade, fiz e fui aprovada. Realmente, descobri um mundo novo. Ser professora de creche é muito diferente de tudo que já tinha feito. A experiência que tinha era com os meus três filhos. Trabalho com crianças de zero a três anos, participo de seus descobrimentos, de seu desenvolvimento, dos primeiros passinhos: esse é o lado bom; mas a adaptação, a separação dos pais, o choro constante, tudo isso mexe muito com meus sentimentos de mãe e avó. As crianças nessa fase precisam de muito amor, carinho, cuidados especiais. A parte pedagógica também é muito importante e é dada através do lúdico. Muitas vezes, dando aula no curso regular, questionava a falta de responsabilidade dos pais em relação aos cuidados dos filhos. Hoje vejo muitos pais que não têm respeito por sua própria criança, mandando-a doente e com roupas mal cuidadas. A nossa participação na vida desses pequeninos é primordial, pois os pais de agora, obrigados pela necessidade do trabalho, não têm tempo para cuidar de seus filhos. Estar no meio das crianças, ensinar, protegê-las preenche minha existência, não saberia ficar longe delas.

A narrativa autobiográfica favorece mais do que “a explicitação das formas pelas quais se vivencia e concebe a própria história de formação e as múltiplas relações com as pessoas e os espaços” (CATANI; BUENO; SOUSA, 2000, p. 98); como este outro excerto revela:

Na minha adolescência escrevi um poema que começava assim: “Quando o dilúculo vier, e as águas do mar beijarem o horizonte, eu quero estar com você.” Hoje, plagiando meu próprio poema, posso escrever: “Quando o dilúculo vier, quero estar na faculdade. Naturalmente os objetivos são bem diferentes. Cursar uma faculdade já estava fora dos meus planos há tempos. O destino não pensava assim, e apareceu a oportunidade de prestar o vestibular para Pedagogia. Fiz a inscrição achando que não teria chance. O vestibular foi difícilíssimo, mas fui aprovada e na segunda chamada fiz minha matrícula. Lembro-me bem do meu primeiro dia de aula. Ao passar pelos portões da UNESP (Pólo São Vicente-2) prometi a mim mesma que não deixaria que nenhum obstáculo me atrapalhasse na busca dos meus ideais universitários. Quebrei meu pé direito uns dias antes de começar as aulas, mas nem isso me desanimou. Não demorou muito para enfrentar meu

primeiro obstáculo: o monstruoso, o pavoroso, o tenebroso COMPUTADOR. Eu só sabia ligar e desligar aquele aparelho. Percebi que teria que conhecer e usá-lo, se quisesse permanecer no curso. Graças a Deus meus orientadores tiveram muita paciência comigo e meus colegas de classe sempre me socorreram nas minhas dificuldades. Até hoje peço orientações para minhas filhas. Elas reclamam um pouco, mas me ajudam muito. Hoje já tenho um bom relacionamento com “meu amigo” computador. Faço pesquisas, redijo textos e faço a postagem deles. Tenho até e-mail e Orkut. É mais uma conquista para mim. Hoje me vejo uma pessoa guerreira, que procura driblar as dificuldades com equilíbrio. Lembro-me dos conflitos para conciliar a profissão de professora com a mãe, a esposa e a dona de casa, com os filhos pequenos. As páginas da história de vida que escrevemos todos os dias mostram o desafio que é viver e passar com dignidade por todas as batalhas. Não são todos que conseguem, por isso sinto-me feliz por meus resultados. Sinto que estou crescendo cada vez mais como profissional e como ser humano. Não sei o que o futuro me reserva como pedagoga...



Figura 2- Foto tirada na UNESP em 2010, com o orientador Wagner; que pacientemente, como um professor que segura a mão de uma criança ensinando-a a pegar o lápis, me orienta a digitar meu Registro Acadêmico (RA). (Fonte: Acervo pessoal)

Considerações finais

Tendo como *figura* o memorial e como *fundo*, a filosofia da formação contínua, o ensino-aprendizagem permanente, este relato desvela a importância da sua continuidade e de sua garantia na formação docente, não somente pela busca da titulação profissional, mas, no desenvolvimento que vai além da carreira, abrangendo um aperfeiçoamento no trato com as relações humanas, com as escolhas e com o próprio viver.

Estudar, desenvolver faz parte da nossa vida evolutiva.

Referências

BRASIL. *Lei n.º 5.692*, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 5 Mai. 2011.

_____. *Lei n.º 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 5 Mai. 2011.

_____. *Decreto n.º 3.276*, de 06 de dezembro de 1999. Dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na educação básica, e dá outras providências. Disponível em:< (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3276.htm)> Acesso em 10 Mai. 2011.

_____. *Despacho Normativo n.º 185*, de 08 de outubro de 1992. Dispõe sobre o direito de dispensa para formação de docente. Disponível em:< <http://www.prof2000.pt/users/cfeci/cfeci76.htm>> Acesso em 10 Mai. 2011.

_____. *Decreto-Lei n.º 270*, de 30 de setembro de 2009. Procede à nona alteração ao “Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário”. Disponível em :<http://legislacao.min-edu.pt/np4/np3content/?newsId=4292&fileName=decreto_lei_270_2009.pdf>. Acesso em 10 Mai. 2011.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CATANI, D.B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D.B. et al (Org.). *Docência, memória*

e gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Edit. e distrib., 2000. p. 13-46.

CATANI, D. B.; BUENO, B. A. O.; SOUSA, C. P. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n°. 111, Dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 Mai. 2011.

GOES, H.B.O. *Formação continuada: Um desafio para o professor do Ensino Básico* 1, 2008. Disponível em: <www.gd.q12.br/eegd/2008/formacao_continuada.pdf>. Acesso em 12 Mai. 2011.

JOSSO, M.. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

NOVOA, A. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 1, Jun. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Fev. 2011.

NUNES, C. M. F.; CUNHA, M. A. de A. A escrita de si como estratégia continuada para docentes. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n°.50, Jul 2005. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/.../50pc_cunhanunes.htm>. Acesso em 29 de Mar. 2010.

SOUZA, E.C. *Memórias e trajetórias de escolarização: abordagem experiencial e formação de professores para as séries iniciais do ensino fundamental*. Caxambu: ANPED, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/qt13/t133.pdf>> Acesso em 12 Fev. 2011.

TUNES, E.; TACA, M.C.V.R.; BARTHOLO JR, R.S.B. O professor e o ato de ensinar. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, n°.126, Dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a08n126.pdf>>. Acesso em 27 de Abr. 2010.